

Um Êrro de Informação

• Rubem Braga

Estou em que a verdadeira história da Mannesmann nunca será contada, ou pelo menos não será contada inteira. Tôda grande companhia estrangeira que vem fazer negócios no Brasil, negócios a que se associam organizações governamentais ou que dependem estritamente de boa-vontade do govêrnc, precisa dispor de advogados nacionais influentes e hábeis. Esses advogados podem aparecer como diretores, membros de um conselho, consultores-técnicos, relações públicas, seja lá o que fôr. O papel deles, em todo caso, é ajeitar as coisas, tanto junto ao Estado — incluindo aí os Três Podêres — como às fontes de opinião. Se algum dia pudéssemos saber tudo o que a Hanna gastou para obter a concessão que hoje tem, lícita e ilicitamente! Não estou acusando o atual govêrno de corrupção, e acredito sinceramente na honestidade do marechal Castelo Branco e da maioria de seu Ministério; quanto à minoria do mesmo, sôbre cuja honradez não ponho a minha mão no fogo, também não a posso acusar, por falta de provas... Sôbre corrupção há uma história antiga que o deputado Mauricio Goulart me contou, e quem contou a êle foi o deputado Pedro Aleixo.

Aconteceu pelos fins do Império. Era ministro da Marinha o Visconde de Ouro Preto, homem da maior integridade. Havia no Rio uma firma portuguesa que fazia fornecimento de certos materiais à Marinha, e estava interessada em obter um grande contrato em condições vantajosas. E sabia-se que Ouro Preto estava tão mal de dinheiro que hipotecara a casa de sua moradia para poder atender a alguns compromissos.

Um dos sócios da firma procurou o ministro, para falar do contrato. Recebido pelo grande homem, expôs o caso. O ministro disse que ia mandar estudar a proposta, examinar o material e os preços; já fôra informado, entretanto, de que as condições da firma eram inaceitáveis, e seus preços exorbitantes; o contrato representaria um verdadeiro escândalo...

O comerciante insistiu — e acabou insinuando — «já que estamos a falar de negócios» — que o ministro não se arrependeria se mandasse fazer o contrato. A hipoteca de sua casa, por exemplo, era um caso fácil de resolver...

Indignado, Ouro Preto chamou dois fortes marinheiros — e o honrado comerciante foi pôsto para fora do gabinete imediatamente. Saiu trêmulo de medo, quase a correr, e encontrou na porta do Ministério o sócio, que o esperava para saber o resultado da entrevista; e gritou:

— «Fomos ludibriados! E' tudo falso! O senhor Visconde está a nadar em oiro...»

Mas isso foi há muito tempo, no tempo do Império.

DN- 13.7-65